



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADE OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO LETRAS PORTUGUÊS**

MAYRA BEZERRA DE MEDEIROS

FICÇÃO E REALIDADE NO CONTO “A CONFISSÃO DE LEONTINA”

GUARABIRA-PB

2021

MAYRA BEZERRA DE MEDEIROS

FICÇÃO E REALIDADE NO CONTO “A CONFISSÃO DE LEONTINA”

Artigo apresentado como trabalho de conclusão de curso ao Departamento de Letras – Curso em Letras – Português, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Prof^a. Dr^a. Maria Suely da Costa

GUARABIRA – PB

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M488f Medeiros, Mayra Bezerra de.
Ficção e realidade no conto "A confissão de Leontina"
[manuscrito] / Mayra Bezerra de Medeiros. - 2021.
31 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2021.
"Orientação : Profa. Dra. Maria Suely da Costa ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Violência. 2. Mulher. 3. Ficção. 4. Literatura. 5.
Realidade. 6. A confissão de Leontina. I. Título

21. ed. CDD 372.4

MAYRA BEZERRA DE MEDEIROS

FICÇÃO E REALIDADE NO CONTO “A CONFISSÃO DE LEONTINA”

Artigo apresentado como trabalho de conclusão de curso ao Departamento de Letras – Curso em Letras – Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduada em Letras.

Aprovada em: 19/05/2021.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Suely da Costa (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma Clara Mayara de Almeida

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por sempre me sustentar em todas as fases até aqui.

Aos meus pais que me apoiaram e não me permitiram desistir de buscar essa conquista.

Ao meu esposo que me incentiva, e que me deu apoio emocional em todos os momentos finais desse processo.

Minha irmã e sobrinha Marina que me confortam em todos os momentos da vida.

Também as minhas tias e a minha sogra que acreditam no meu potencial.

Agradeço também à orientadora Prof. Dr^a. Maria Suely da Costa pela paciência, compreensão e por ter me guiado nesses últimos meses para essa etapa tão importante para mim.

Também a todos os amigos que conquistei na UEPB, por vezes mudei de turno e passei por diversas turmas ao longo do curso, assim conheci muitas pessoas queridas que sempre lembrarei com muito carinho.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	FICÇÃO E CONDICIONAMENTO SOCIAL: O CONTO	09
3	LYGIA FAGUNDES TELLES: UMA MULHER NA LITERATURA	12
4	AS CONFISSÕES: UM OLHAR ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE SOCIAL	18
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
	REFERÊNCIAS	29

FICÇÃO E REALIDADE NO CONTO “A CONFISSÃO DE LEONTINA”

MAYRA BEZERRA DE MEDEIROS

RESUMO

O objetivo do presente artigo está em analisar as confissões feitas pela personagem feminina no conto “A confissão de Leontina” da autora Lygia Fagundes Telles, verificando nessas passagens a sua relação com a estrutura do sistema patriarcal, em contextos do passado e do presente. A narrativa de ficção aborda a violência e discriminação sofridas pela mulher na sociedade. Desse modo, interessa verificar essas representações da figura feminina e suas relações com realidade do contexto social. Para esse estudo, temos como base os teóricos Candido (2006), Gancho (2001), Hahner (1981), Barster (2011), Bandeira (2017), Millet (1969), Bordieu (2012) entre outros. Apesar de sua natureza ficcional, a narrativa traz em sua pauta grande relação com a realidade da sociedade patriarcal vigente, possibilitando o leitor refletir sobre a influência desse sistema na vida da mulher em sociedade, dando ênfase o potencial da literatura.

Palavras-chave: Violência. Mulher. Ficção. Literatura. Realidade. A confissão de Leontina.

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the confessions made by the female character in the short story “The confession of Leontina” by the author Lygia Fagundes Telles, verifying in these passages her relationship with the structure of the patriarchal system, in contexts of the past and the present. The fictional narrative addresses the violence and discrimination suffered by women in society. Thus, it is interesting to verify these representations of the female figure and their relations with the reality of the social context. For this study, we are based on the theorists Candido (2006), Gancho (2001), Hahner (1981), Barster (2011), Bandeira (2017), Millet (1969), Bordieu (2012) among others. Despite its fictional nature, the narrative brings in its agenda a great relationship with the reality of the patriarchal society in force, allowing the reader to reflect on the influence of this system in the life of women in society, emphasizing the potential of literature

Keywords: Violence. Women. Fiction. Literature. Reality. Leontina’s confession.

1. INTRODUÇÃO

A estrutura do sistema patriarcal inferioriza mulheres há séculos perante a figura masculina. Através da imagem de fragilidade física da mulher construiu-se que a sua natureza era inferior ao homem. Pertencente ao espaço doméstico, à mulher sempre coube ser boas esposas e boas mães, destinadas à obediência e a procriação (SAFFIOTI, 2004; BORDIEU, 2012).

Esse fenômeno, próprio das sociedades patriarcais, que estabelece uma relação de dominação-subordinação entre homens e mulheres, marca ponto na desigualdade de gênero que passa a ser um dos eixos estruturantes da sociedade, assim também pode se fazer presente na obra literária que, como fonte histórica, pode ser utilizada como instrumento para a compreensão de um contexto e relações sociais.

Sendo assim, o objetivo do presente artigo está em analisar as confissões feitas pela personagem feminina no conto “A confissão de Leontina” da autora Lygia Fagundes Telles, verificando nessas passagens a sua relação com a estrutura do sistema patriarcal, em contextos do passado e do presente. A narrativa de ficção aborda a violência e discriminação sofridas pela a mulher na sociedade. Desse modo, interessa verificar essas representações da figura feminina e suas relações com realidade do contexto social.

A personagem do conto “A confissão de Leontina” da autora Lygia Fagundes tem sua vida inteira marcada por discriminação, violências e falta de oportunidade que a levou trabalhar na prostituição, vivendo em situação de vulnerabilidade. Verificar essas passagens e sua relação com a estrutura do sistema patriarcal, em contextos do passado e do presente, é o que interessa essa leitura de caráter analítico.

Em função da leitura analítica do citado conto, contamos com a fundamentação teórica de Candido (2006), Gancho (2001), Hahner (1981), Barster (2011), Bandeira (2017), Millet (1969), Bordieu (2012) entre outros. Nesta análise, foram destacados recortes das confissões e relatos da personagem sobre sua vida desde a infância até a fase adulta. A temática em questão tratada pela narrativa foca uma sociedade que favorece o gênero masculino enquanto ensina às mulheres serem submissas e passivas, condicionando a inferioridade de gênero, o que

permite o leitor a fazer uma reflexão sobre a sociedade do mundo real, com o contexto da trama narrativa.

2. FICÇÃO E CONDICIONAMENTO SOCIAL: O CONTO

Tratando-se de literatura brasileira é válido lembrar o crítico literário Antonio Candido que, em seu livro *Literatura e Sociedade* (2006), nos leva a refletir sobre a literatura e sua relação de comunicação com a realidade social, analisando a ligação entre a obra ficcional e o ambiente, o contexto histórico, os fatores socioculturais. Candido observa na análise estética do fazer literário as questões determinantes da forma literária ou a obra e o seu condicionamento social, a estrutura contextual da sociedade.

Em seu estudo, Candido trata da relação entre obra e a influência do grupo social do autor para a sua criação, também se faz importante a ligação com a posição social para a definição das críticas à realidade. Segundo Candido (2006) “A configuração de uma obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição” (CANDIDO, 2006, p.40).

Considerando isso, o citado teórico propõe que há uma influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte, assim como há uma influência exercida por essa literatura sobre o meio, podendo-se chegar numa interpretação dialética, superando o caráter mecanicista, entendendo que o elemento social é de grande relevância para a composição de uma obra literária e sua estrutura.

Quando fazemos uma análise, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo (CANDIDO, 2006, p. 16 e 17).

Assim, para compreender a relação social com uma narrativa é necessário fazer uma análise considerando a estrutura formada dessa literatura e os fatores sociais que agem sobre a formação dela; tendo em vista que as obras literárias podem ser consideradas como uma forma de arte desenvolvida pelo ser humano no seu âmbito social.

Partindo desse pensamento, Candido focaliza aspectos sociais que envolvem a vida artística literária nos seus diferentes dimensões: o meio e o que influenciou a escrita da obra literária, levando em consideração o contexto dos aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos que também podem influenciar a escrita do literário que parece exprimir as relações entre o artista e o meio:

O poeta não é uma resultante, nem mesmo um simples foco refletor; possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo o que passa se transforma, porque ele combina e cria ao devolver à realidade. (CANDIDO, 2006, p. 28)

A compreensão é da possibilidade de abordar a obra literária como um conjunto de fatores sociais que atuam sobre a formação da mesma. Ou seja, o fator social atua na constituição da criação enquanto obra de arte. O escritor tem sua própria visão sobre a sociedade, e faz essa combinação junto a sua obra, sendo assim influenciado pela realidade vivida por ele.

O que se entende sobre essa teoria ao acrescentar conteúdo social em um livro é que o autor transparece seus princípios, mostrando o quanto a realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária, e tendo o conhecimento desta estrutura pode ser compreendida a função que a obra exerce. De forma que:

Não é a literatura por ela mesma, mas pelo social. Assim, pode-se sair de uma análise sociológica periférica e sem fundamentos, não se limitando a uma referência à história sociologicamente orientada. Tudo faz parte de um 'fermento orgânico'. (CANDIDO, 2006, p. 17)

Quanto ao texto literário objeto de estudo, o conto "A confissão de Leontina", é possível afirmar ser uma narrativa curta que promove diálogo entre diferentes áreas do conhecimento em diferentes contextos de visão, por via da ficção, trazendo o discurso do narrador, o que o diferenciando da realidade fora do texto.

Ao longo da história, no intuito de definir o conto, autores recorreram às mais variadas comparações. Cortázar (1993), por exemplo, define o conto como uma fotografia, em contraposição ao romance, que seria equivalente ao filme, cinema.

Por sua vez, Gotlib (1998, p. 73) afirma: “outros ressaltam sua flagrância do presente, por ser o conto uma ficção livre, mais apta a representar a vida moderna na sua multiplicidade de situações, impressões e incidentes.”

O conto é um dos gêneros literários da prosa de ficção, que passou por transformações e intervenções narrativas, passando a mesclar a ficção com a realidade, e de um modo geral apresentam uma duração curta, tendo assim sua estrutura breve e objetiva na história com poucos personagens.

A respeito deste gênero, Gancho (2001, p. 06) define que “O conto é uma narrativa mais curta, que tem como característica central condensar conflito, tempo, espaço e reduzir o número de personagens.” Definindo o conto como um texto ficcional, que cria diferentes acontecimentos e seres de ficção, de fantasia ou imaginário.

O conjunto dos fatos de uma história é conhecido por muitos nomes: intriga, ação, trama, história. Duas são as questões fundamentais a se observar no enredo: sua estrutura (vale dizer, as partes que o compõem) e sua natureza ficcional. Conflito é qualquer componente da história (personagens, fatos, ambiente, ideias, emoções) que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor. Além dos conflitos já mencionados, entre personagens e o ambiente, podemos encontrar nas narrativas os conflitos morais, religiosos, econômicos e psicológicos.” (GANCHO, 2001, p.7-8)

Para além do momento mais intenso do conto, o clímax, o momento de maior expectativa, pois é onde tudo pode acontecer, aquilo que o leitor espera que venha acontecer o deixando tenso ou o oposto, ou mesmo o desfecho, quando é solucionado o clímax da trama, adquire um destaque especial os personagens.

Postos como um elemento essencial ao conto, pois são os personagens que estão distribuídos em toda a parte de uma narrativa, são eles que fazem a ação, e necessariamente existente para a movimentação do enredo diretamente ou não. Os personagens se definem pelo que fazem e dizem:

O personagem é um ser fictício que é responsável pelo desempenho do enredo; em outras palavras, é quem faz a ação. Por mais real que pareça, o personagem é sempre invenção, mesmo quando se constata que determinados personagens são baseados em pessoas reais. O personagem é um ser que pertence à história e que,

portanto, só existe como tal se participa efetivamente do enredo, isto é, se age ou fala. (GANCHO,2001, p.10)

Em seu estudo “A personagem de ficção”, Candido, observa que uma obra literária (...), só se realiza plenamente quando comunica aos leitores “a impressão da mais lídima verdade existencial”, por meio “de um ser fictício” (CANDIDO, 1976, p. 55). Neste caso, Candido chama a atenção para o princípio da verossimilhança, ou seja, quando procura convencer o leitor, através de suas personagens, de que tudo o que nela vai escrito pode ser verdade ou é passível de ser. Assim a narrativa ficcional estabelece uma relação com o mundo real e, conseqüentemente, as personagens desta, uma relação com as pessoas que vivem neste mundo de forma que a narrativa é tanto mais verossímil quando as suas personagens trazem em si a mesma complexidade ou a mesma densidade psicológica das pessoas que fazem parte do mundo real.

Com efeito, as obras são reflexos da realidade social e seus períodos, o meio social e os elementos de uma obras são um conjunto e se complementam. A partir desses apontamentos que podemos pensar na relação entre a obra de Lygia Fagundes Telles no conto “A confissão de Leontina” e fazer comparações dessas relações do ficcional e a ligação que tem com o contexto social.

3. LYGIA FAGUNDES TELLES: UMA MULHER NA LITERATURA

A esposa era a responsável pelo mundo doméstico, da porta da casa para dentro. Muitas delas não tinham sequer acesso à educação formal. E toda mulher que tinha algum tipo de ambição para além disso era um ponto fora da curva. (COSTA, 2018, s/p.)

Conforme já dito, historicamente, o espaço reservado para as mulheres na sociedade sempre foi inferior ao do homem. Por muito tempo, mulheres foram limitadas as atividades do lar. Vale ressaltar que houve um tempo em que era negado o direito de mulheres serem alfabetizadas, o que faz refletir o quanto muitas das limitações já foram superados pela figura feminina até os dias atuais. De acordo com os apontamentos de Hanher (1981, p.24), ao tratar de “A mulher na educação”:

Por muitos anos, as mulheres estiveram ausentes ou desfiguradas na história brasileira. Como em qualquer outra parte do mundo, não se fez justiça ao papel que elas desempenharam no desenvolvimento do país. Pouco se sabe de suas vidas, papéis e experiências no passado, e a própria existência de fenômenos como o movimento pelos direitos da mulher no Brasil do século XIX.

Nos dias atuais, encontra-se a figura feminina atuante em muitos dos campos importantes em uma sociedade, isso porque os direitos das mulheres são frutos de conquistas históricas que um dia já foram negados apenas pelo fato de serem do gênero apostado ao masculino.

A presença da mulher na educação¹ brasileira apresenta uma trajetória crescente. No Período Colonial, sua educação era no lar, voltada especificamente para as atividades domésticas. Somente em meados do século XIX que a participação feminina iniciou-se, timidamente, pois os colégios destinados a mulheres eram particulares, dessa maneira somente as meninas de origem abastada tinham acesso.

No campo da literatura, os empecilhos sociais não foram muito diferentes. Da conquista do acesso à educação, as mulheres com privilégio da alfabetização que usavam dele para construir obras literárias, tiveram dificuldades para fazer publicações por conta do seu gênero, o meio encontrado pelas escritoras para exposição de suas obras foi usando pseudônimo masculino ou até mesmo em nome dos seus maridos.

A esse respeito, Sandra Vasconcelos, afirma: "Naquela época, uma mulher que tinha atividade intelectual estava cometendo uma transgressão enorme" (VASCONCELOS, 2018, s/p). Mais um fato que reflete o preconceito sofrido pelo gênero feminino, uma vez não ter o direito de voz diante de uma sociedade machista.

As que ousavam publicar usando seus próprios nomes recebiam muitas críticas, porque estavam extrapolando o papel designado para elas. A maioria acaba usando pseudônimo porque não quer se expor publicamente. (COSTA, 2018, s/p).

¹ <http://www.sociologia.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=422>
Acesso em 07/05/2021

Nesse sentido, a carreira das mulheres no universo das letras no Brasil foi enfrentada por um longo processo de exclusão. Até o século XX, para terem suas obras apreciadas muitas autoras usaram dessa prática do anonimato, sendo as escritoras mulheres intelectuais, das poucas que conseguiam ingressar na faculdade².

Nesse cenário em que a literatura era uma prática restrita a homens por muitas décadas, até os dias atuais o número de escritoras conhecidas ainda tende a ser inferior comparado ao de escritores, basta uma pequena pesquisa no site da Academia Brasileira de Letras³ e será comprovado que a maior parte de membros são do gênero masculino, reforçando que o padrão da desigualdade também ainda está presente na esfera literária.

Um exemplo de escritora que representa uma geração inteira de mulheres é a Lygia Fagundes Telles, nascida em 1923, em São Paulo. Filha do advogado e promotor público Durval de Azevedo Fagundes, e da pianista Maria do Rosário, conhecida como Zazita. Estudou Direito na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, onde também cursou Educação Física.

Em entrevista⁴ concedida a Michele Asmar Fanini no ano de 2008, publicada na revista eletrônica do Laboratório de Estudos Contemporâneos da UERJ, a autora afirma que optou por fazer cursos completamente diferentes para que suas chances de independência financeira fossem maiores.

A mulher brasileira aprendeu a ler e a escrever muito tarde e mesmo depois disso continuou aprisionada, vigiada. Minhas antepassadas escreviam versos nos cadernos de receitas, de compras do dia: dois quilos de cebola, duas caixas de sabão e vinha um verso, um sonho, um devaneio. A mulher brasileira seguia a tradição portuguesa, quer dizer, completamente dentro do espartilho. (TELLES, 1998, p. 39).

² Vejamos o que afirma Reichmann (2011, p. 9) em *O progresso das mulheres no Brasil*: “Os papéis tradicionais de mulheres e homens estão ainda tão entranhados que a implementação de leis que desafiam a subordinação “naturalizada” das mulheres tornou-se um desafio crítico no país.”

³ <https://www.academia.org.br/academicos/membros>

⁴ <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/viewFile/2801/1915>

Acesso em: 07/05/2021

Em sua carreira profissional trabalhou como procuradora do Instituto de Previdência do Estado de São Paulo, onde se aposentou. Lygia também é membro da PEN Club do Brasil, da Academia Paulista de Letras e da Academia Brasileira de Letras na Quarta ocupante da Cadeira nº 16, eleita em 24 de outubro de 1985, na sucessão de Pedro Calmon e recebida em 12 de maio de 1987 pelo acadêmico Eduardo Portella. Foi ainda presidente da Cinemateca Brasileira, fundada por Paulo Emílio Sales Gomes.

Na adolescência seus amigos escritores incentivaram a sua paixão pela literatura, Lygia por um período rejeitou seus próprios escritos, mas mais tarde publicou a obra *Ciranda de Pedra* (1954) que, segundo a Academia Brasileira de Letras (ABL)⁵, foi considerada por Antonio Candido a obra em que a autora alcança a maturidade literária, considerado esse romance por ela também o marco inicial de suas obras completas.

Quanto às demais produções literárias, criou o livro *Histórias do Desencontro* (1958), recebendo o Prêmio do Instituto Nacional do Livro. Em seguida, o romance *Verão no Aquário* (1963), ganhando o prêmio Jabuti. Em parceria com seu segundo marido, criou o roteiro para cinema *Capitu* (1967) que foi concedido ao melhor roteiro cinematográfico com o Prêmio Candango, os quais enriqueceram sua carreira na literatura e se tornando mais reconhecida pelos leitores.

Dentre sua produção literária, destacam-se *Antes do Baile Verde* (1970), conto que dá título ao livro que recebeu primeiro prêmio no concurso internacional de escritoras, na França. *As Meninas* (1973), romance que recebeu os Prêmios Jabuti, Coelho Neto da Academia Brasileira de Letras e “Ficção” da Associação Paulista de Críticos de Arte. *Seminário dos Ratos* (1977) segundo a Academia Brasileira de Letras (ABL), foi premiado pelo PEN Clube do Brasil. O livro de contos *Filhos Pródigos* (1978) foi republicado com o título de um de seus contos *A Estrutura da Bolha de Sabão* (1991) onde encontramos o conto *A confissão de Leontina* utilizado nesse estudo. *A Disciplina do Amor* (1980) recebeu o Prêmio Jabuti e o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte. O romance *As Horas Nuas* (1989) recebeu o Prêmio Pedro Nava de Melhor Livro do Ano.

⁵ Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/lygia-fagundes-telles/> (biografia). Acesso em 13 de abril de 2021.

Seus livros foram publicados em diversos países como Portugal, França, Estados Unidos, Alemanha, Itália, Holanda, Suécia, Espanha e República Checa, entre outros, com obras adaptadas para TV, teatro e cinema e tem participado de feiras de livros e congressos realizados no Brasil, Portugal, Espanha, Itália, México, Estados Unidos, França, Alemanha, República Tcheca, Canadá e Suécia, países nos quais foram publicados seus contos e romances.

A esse respeito, o contexto da literatura que apenas era dominada pelo gênero masculino, mostra com a citada escritora uma vitória para as mulheres, que ganharam força ao romper a barreira desse espaço na literatura brasileira, ganhando diversas obras marcantes produzidas por mulheres. Dentro de suas particularidades, considerando até mesmo o contexto de produção da citada escritora, é possível apontar como um exemplo ou um símbolo da busca pela igualdade de direitos, de alguma forma fortalecendo o campo da luta⁶ travado pelo gênero feminino. É importante considerar que

Esses avanços só foram possíveis por meio de uma ampla e articulada ação política dos movimentos de mulheres que, em diversos países, denunciaram a sociedade e o Estado como violadores desses direitos. (...) Essa luta é tributária de um processo histórico voltado para a ampliação do próprio conceito de cidadania. (BARSTED, 2011, p.97)

Em artigo publicado em 1997, “A mulher Escritora e o feminismo no Brasil”, Lygia afirma:

No começo da minha carreira, eu era uma feminista inconsciente, eu nem pensava em feminismo e eu era feminista, no sentido de batalhar as minhas ideias e a minha vocação. Muita mais tarde vi que libertação das mulheres significa ser paga por seu trabalho. Minha libertação deve-se as extraordinárias transformações sociais que o país viveu desde a minha adolescência. Durante a Segunda grande guerra, quando os homens válidos partiram para as trincheiras e as mulheres na retaguarda começaram a exercer nas fábricas, nos escritórios e nas universidades, o

⁶ Alguns avanços legislativos nos direitos das mulheres: Direito a educação a partir de 1927

Direito ao Voto autorizado em 1932

Licença a maternidade no ano de 1934 e em 1988 a licença se estendeu por 120 dias.

Criada a primeira Delegacia de Atendimento especializado à Mulher, em São Paulo no ano de 1985

Lei 11.340 conhecida como Lei Maria da Penha criada em 2006

Em 2015 foi sancionada a Lei do Femicídio. Fonte: ecp.org.br

ofício desses homens... Eis então as mulheres ocupando esses espaços, eis as mulheres provando que também podiam desempenhar função até o momento notadamente masculinas. Quer dizer que a “rainha do lar” podia desempenhar – e bem – funções mais sofisticadas? Contudo, persistia a desconfiança fechando na sua nuvem o chamado segundo sexo. Isso também no campo das artes, o preconceito.” (TELLES, 1997, p. 60)

Através das diversas obras e premiações, a escritora Lygia Fagundes Telles pode ser vista como uma representação da conquista por visibilidade. Vale ressaltar que um dos temas mais relevantes que a autora explora é o universo feminino, as vivências e problemas sociais enfrentados pela mulher na sociedade patriarcal. Sua escrita é marcada por uma perspectiva moderna quanto a uma visão crítica de pensamento emancipador da mulher. Em função disso, sua narrativa dialoga com o imaginário da realidade social, o que é notório nas denúncias feitas no conto “A confissão de Leontina”, compreendendo que a literatura é uma criação social e se faz a partir do imaginário que circula coletivamente. Esse imaginário é trabalhado ficcionalmente pelo escritor (CANDIDO, 2006; FACINA, 2004).

Considerando o ano da primeira publicação do conto A confissão de Leontina no livro Filho Prodígio (1978), em meados da década de 70 à 80, período em que o papel social da mulher se encontrava em transformação, intensificadas pelos direitos conquistados e pela presença feminina em espaços que antes se adequava apenas ao homem.

O século XX foi certamente o momento no qual as mulheres tiveram a oportunidade de gradualmente mudar essa situação, o mercado de trabalho, a vida intelectual e artística foram aos poucos sendo abertos para que elas pudessem emergir e expandir-se para outros novos horizontes. (ALMEIDA, 2010, p.28).

Vale ressaltar que para se tornar público e ainda mais visível a busca de direitos das mulheres o jornal foi uma ferramenta muito utilizada para alcançar mais pessoas e terem conhecimento sobre a luta feminina por igualdade:

Os jornais se tornaram, nas décadas de 1970 e 1980, num mecanismo de veiculação de ideias, reivindicações e lutas empreendidas pelas mulheres, tais como: anistia política, criação de creches, melhores salários e condições de trabalho, pelo fim da violência doméstica, pela liberdade sexual e reprodutiva das mulheres.⁷

Visto que esse período também foi marcado pela ditadura militar no Brasil, além de mulheres usarem o jornal como ferramenta para reivindicar direito, foi marcado por diversas manifestações sociais feministas nas ruas que serviu para expor o tema das mulheres, reforçando a vontade de mudança ao que diz respeito a visão que a sociedade tinha da mulher na época.

Porém, enquanto muitas mulheres nesse período conseguiram conquistas espaços na sociedade, outras com pouca ou nenhuma escolaridade continuaram a fazer parte do grupo de exclusão, sem escolhas para se manterem, tinham que procurar sustento em condições precárias de trabalho.

A identidade da mulher se encontrava e até hoje se encontra em desconstrução de padrões, visto que o preconceito e limitação por parte da sociedade opressora resiste manter a figura feminina inferiorizada, o conto base desse estudo destaca vários aspectos dessa realidade da sociedade da época.

4. AS CONFISSÕES: UM OLHAR ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE SOCIAL

O foco da leitura que segue está em verificar a forma como a mulher é representada na trama do conto “A confissão de Leontina” que teve sua primeira publicação em 1978 e foi republicado em 1991 pertencendo à obra *A Estrutura da bolha de sabão* pela autora Lygia Fagundes Telles, a partir da narradora protagonista Leontina Pontes dos Santos, em alguns momentos também chamada por “Leo”. No decorrer da narrativa, a personagem Leontina relata fatos acontecidos em sua vida, e conta o que os outros pensam sobre ela, fazendo aos poucos a

⁷ DAMASCO, Mariana Santos. Ibidem, p.35

Link: <https://rainhastragicas.com/2012/12/18/a-trajetoria-do-movimento-feminista/>

Acesso em: 09/05/2021

construção da sua autoconsciência em confissões a uma outra mulher cujo nome não é revelado na história.

A partir destas confissões, será feita uma leitura da realidade da cultura patriarcal na qual se insere, no contexto da ficção, com a realidade do contexto atual. O interesse está em verificar as relações entre a realidade literária e a realidade empírica, estabelecendo os pontos de convergência e de divergência entre o discurso literário e os outros discursos sociais, levando em consideração o embate entre realidade e ficção na construção das personagens femininas na relação com as masculinas.

A confissão é o ato de revelação do que se tem conhecimento, sobre um caso confidencial a alguém, declarar um feito ou pensamento. No primeiro parágrafo da narrativa em questão, Leontina inicia suas confissões pedindo compreensão, dizendo: “Já contei essa história tantas vezes e ninguém quis me acreditar. Vou agora contar tudo especialmente pra senhora que se não pode ajudar pelo menos não fica me atormentando como fazem os outros” (TELLES 2010, p.75).

De início, o texto já nos chama a atenção para o fato da narrativa em primeira pessoa ser carregada de subjetividade, pois predominam as sensações, impressões e opiniões da pessoa que narra. Vale salientar, que as narrações em primeira pessoa tendem a serem consideradas pouco confiáveis, uma vez que os fatos são relatados de um ponto de um vista extremamente parcial e que não permite ao leitor saber o que se passa na cabeça dos personagens. Talvez por isso, a sensação de descrédito já seja antecipada pela própria narradora, na busca de ser ouvida.

A protagonista conta sua trajetória de vida desde a infância até a vida adulta, e também de como foi parar na delegacia, local onde ela confessa a uma senhora os acontecimentos pelos quais passou. Fato é que sua vida inteira é marcada por sofrimento, diversas violências e falta de oportunidade que a levou trabalhar na prostituição, tendo que viver da própria sorte em uma sociedade que tem o homem com ser superior. A protagonista acaba pontuando uma história semelhante a de muitas mulheres reais que vivem em situação de vulnerabilidade em meio esse sistema patriarcal até os dias atuais. Nesse contexto, é importante observar que

Patriarcado pode ser entendido como uma instituição social que se caracteriza pela dominação masculina nas sociedades contemporâneas em várias instituições sejam elas políticas, econômicas, sociais ou familiar. É

uma forma de valorização do poder dos homens sobre as mulheres que repousa mais nas diferenças culturais presentes nas ideias e práticas que lhe conferem valor e significado que nas diferenças biológicas entre homens e mulheres. (MILLET, 1969, p. 58)

O patriarcado aprisiona mulheres há séculos. É um sistema que dá espaço ao machismo sob o poder de liderança perante a figura feminina, marcado pela violência contra a mulher, estrutura essa facilmente encontrada no conto “A confissão de Leontina”. Sendo a violência contra a mulher fenômeno essencial à desigualdade de gênero, ela não só é produto social, como é fundante desta sociedade patriarcal, que se sustenta em relações de dominação e submissão. Aspecto este presente na trama vivida pela personagem Leontina.

A violência contra a mulher é um problema social histórico. Observando a realidade brasileira, destaquemos, por exemplo, o período colonial, no qual esse fenômeno atingindo todas as classes sociais, religiões e etnias, tornando as mulheres submissas à dominação do homem justificado pela diferença de gênero. O denominado colonialidade de fatos históricos e culturais se matem no pós-colonial, demarcando os comportamentos de uma sociedade patriarcal. Conforme observa Quijano (2009) p. 74:

Dentro dessa mesma orientação foram também, já formalmente, naturalizadas as experiências, identidades e relações históricas da colonialidade e da distribuição geocultural do poder capitalista mundial. Esse modo de conhecimento foi, pelo seu caráter e pela sua origem, eurocêntrico. Denominado racional, foi imposto e admitido no conjunto do mundo capitalista como a única racionalidade válida e como emblema da modernidade (QUIJANO, 2009, p. 74).

Assim, conforme estudos historiográficos apontam, é possível afirmar que ao longo do tempo até à contemporaneidade, ainda são recorrentes práticas de violência de gênero, sejam elas psicológica, moral, física, sexual ou patrimonial⁸.

Nesse contexto, nota-se o sistema patriarcal manifesto no imaginário do contexto social e representado pela literatura a exemplo do conto “A confissão de Leontina”. Nesta narrativa, é possível identificar diversos tipos de violência e

⁸ Ver sobre os tipos de violência em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html>

Acesso em: 02/03/2021

violação aos direitos da mulher como as agressões psicológicas e físicas, típicos dos acontecimentos da época, uma vez que no século XX, apesar do gênero feminino ter iniciado a conquista de alguns direitos como já destacado, perdura o fenômeno da superioridade do gênero masculino na sociedade pondo em pauta muitas questões envolvendo dilemas de gênero. De modo que

Essa situação revela os descaminhos dos movimentos de uma sociedade que não conseguiu superar a retórica naturalizada de seus mitos – incluindo-se aqui a retórica da família – e enfrentar as estruturas de dominação e expropriação que tem caracterizado o seu desenvolvimento histórico. (SCHMIDT, 2006, p. 782)

Apesar das especificidades entre a realidade empírica e a ficcional, o comparativo se torna pertinente diante da temática que a narrativa aborda. A trama se passa no contexto da delegacia, onde Leontina narra, em uma das confissões, que assassinou um velho que a agrediu e tentou violentá-la. Porém, para a polícia e imprensa, a versão é de que ela tentou roubar e fugir com o dinheiro dele, afinal ela era vista como meretriz, por trabalhar na “zona” e dormir com diferentes homens. Ou seja, à sua palavra não é dado crédito.

Leontina, em suas confissões, diz dos últimos fatos ocorridos em sua vida. Na voz desta, podemos verificar os relatos de abusos sofridos na prisão, dignos de ditadores: “Sei que trabalhei tanto e aqui me chamam de vagabunda e me dão choque até lá dentro. Sem falar nas porcarias que eles obrigam a gente a fazer.” (TELLES, 2010, p. 75,76).

Dentro de um contexto de agressão, Leontina também relata que sofreu desrespeito na notícia que foi dada pela mídia sobre crime que ela cometeu mesmo alegando ter sido em legítima defesa. “O jornal me chama de assassina, ladrona e tem um que até deu o meu retrato dizendo que eu era a Messalina da boca-do-lixo.” (TELLES, 2010, p. 75).

Neste caso, pelo viés da informação dos acontecimentos, o jornal vem atuar para influenciar a opinião do público a favor de um grupo específico em detrimento da vítima, denominada de ser uma mulher “assassina”, “messalina” que, embora alegue legítima defesa, acaba por legitimar um imaginário de descrédito daqueles em condições de marginalizados socialmente, associando-a à “boca-de-lixo”.

Configura-se aqui, podemos dizer, uma violência moral, uma vez que se emite um juízo de valor sobre a conduta da mulher Leontina, desvalorizando-a.

A situação de submissão da personagem feminina à figura masculina é posta pela personagem Leontina desde a sua infância, quando morava na cidade de Olho d'Água, e tinha uma vida humilde na casa onde morava com a mãe, irmã e o primo chamado Pedro, o único homem da casa. Pedro tinha o sonho de ser médico. A mãe de Leontina passava o dia trabalhando para manter os estudos dele. Leontina era reservada para os trabalhos domésticos, acreditando que, quando Pedro tivesse conquistado a formação na medicina, daria uma vida melhor à família:

Me deitava tão cansada que nem tinha força de lavar a lama do pé. Você está virando um bicho Pedro me disse muitas vezes mas o que eu queria é que ele estivesse limpinho e com a comida na hora certa. Era isso que eu queria. [...] Quando você tirar o diploma não vou mais lavar pra fora. Então vou poder andar em ordem e até estudar. Era isso o que eu respondia. Foi isso que eu combinei. Mas o combinado não vigorou porque assim que ele tirou o diploma arrumou a trouxa e foi embora (TELLES, 2010, p. 81).

O relato acima põe em foco a realidade social vista no Brasil até do final do século XIX, em que as mulheres não tinham acesso à educação. Um direito por muito tempo negligenciado ao gênero feminino uma vez que estas eram vistas apenas para a função de reprodutoras, dos cuidados matrimoniais e domésticos, sem possibilidade de mulheres terem uma formação, enquanto o homem sempre teve o direito de se manter em constante crescimento profissional, desenvolvendo suas formações acadêmicas e profissionais. Segundo Bordieu (2012, p. 45):

A dominação masculina encontra, assim, reunidas todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os habitus: moldados por tais condições, portanto, objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentais.

No contexto da personagem Leontina, ainda que vivessem no mesmo teto, existia uma longa distância entre a realidade de Pedro e Leontina. Esta nunca teve o direito de estudar; e esse é um dos motivos que faz Pedro se sentir superior a ela. Por diversas vezes, Leontina lembra como Pedro agia com indiferença para com ela:

Me lembro que uma vez Pedro inventou uma festa no teatrinho. Quando acabou corri para dizer que ele tinha representado melhor do que todos os colegas mas Pedro me evitou. Eu estava mesmo com o vestido rasgado e isso eu reconheço porque minha mãe piorou da dor e tive que passar a manhã inteira fazendo o serviço dela e o meu. Mas achei que Pedro estava tão contente que nem ia reparar no meu jeito. E me cheguei pra perto dele. Ele então fez aquela cara e foi me dando as costas. Essa daí não é a tua irmã? um menino perguntou. Mas Pedro fez que não e foi saindo. Fiquei sozinha no palco com um sentimento muito grande no coração. (TELLES, 2010, p. 81)

Embora reconheça a situação de descaso, anulação sofrida, no momento Leontina não age. Passiva à violência psicológica, ela lembra que também foi através de Pedro que conheceu as primeiras manifestações de violência física:

Pedro era meu primo. Era mais velho do que eu mas nunca se aproveitou disso pra judiar de mim. Até que não era mau mas a verdade é que a gente não podia contar com ele pra nada. Voltava da escola e se metia no mato com os livros e só vinha comer e dormir. Perguntei um dia em que ele tanto pensava e ele respondeu que quando crescesse não ia continuar assim um esfarrapado. Que ia ser médico e importante que nem o doutor Pinho. Caí na risada ah ah ah. Ele me bateu mas me bateu mesmo e me obrigou a repetir tudo o que ele disse que ia ser. Não dê mais risada de mim ficou repetindo não sei quantas vezes e com uma cara tão furiosa que fui me esconder no mato com medo de apanhar mais. (TELLES, 2010, p. 76)

Seja pela via emocional, diminuição da autoestima e até mesmo a violência física, as marcas de uma prática recorrente no seio da sociedade patriarcal alicerçam o poder o homem a submissão da mulher.

A violência é uma força social que estrutura as relações interpessoais, ações coletivas e relações sociais de modo geral, sobretudo no contexto da análise das situações da violência contra a mulher e de gênero (BANDEIRA, 2017, p. 19).

Em suas recordações, Leontina registra o fato de que, quando sua mãe faleceu, e logo após sua irmã, ela, com apenas doze anos, precisou vender tudo da casa, na qual vivia com a sua família, para arrecadar dinheiro. Isso porque Pedro havia conseguido um emprego em São Paulo, mas precisava de dinheiro para chegar até lá, enquanto isso ela ficou no lugar, Olho d'Água, trabalhando na casa de uma senhora, sob a promessa de que Pedro iria voltar para buscá-la, fato esse que nunca aconteceu:

Vendi tudo e o que apurei entreguei na mão dele. Um dia ainda te devolvo com juro ele disse. Eu não sabia o que era juro e até hoje não entendo mas se vinha de Pedro devia ser bom. Guardou o dinheiro e me abraçou. Me leva Pedro me leva fiquei pedindo agarrada nele. Tenho que ficar sozinho se quiser fazer o que tenho que fazer ele disse. Mas logo você vai receber uma carta porque não quero te perder de vista ele repetiu enquanto ia amarrando o pacote de livros com uma cordinha. (TELLES, 2010, p. 86)

Podemos verificar, conforme a narrativa, que se caracteriza nesta confissão, o fato dela ter sofrido uma violência patrimonial, entendida pela conduta do Pedro em reter, subtrair ainda que em comum acordo, os recursos dos bens destinados a satisfazer suas necessidades.

Após a partida de Pedro para São Paulo, como combinado, Leontina foi levada para trabalhar na casa de uma senhora, lá não passou muito tempo, ela conta que sofreu abusos pela patroa (TELLES, 2010, p. 74) “(...) só faltava me espetar com o garfo. E nem me pagava porque mal sei ler e por isso meu pagamento era a comida e uns vestidos que ela mesma fazia com as sobras que guardava numa arca.”

O treinamento social das mulheres para o cuidado com os outros e sua especialização no cuidado dos dependentes em sociedades nas quais a divisão sexual do trabalho continua a ter importância na organização das relações na esfera privada e na esfera pública as mantém nas posições mais baixas nas hierarquias salariais e de prestígio, mesmo quando se desdobram no exercício de atividades remuneradas. (BIROLI, 2014, p. 57).

Pedro, como já esperado, não cumpriu a promessa de voltar para buscar Leontina e dar a ela uma vida melhor. Ao se ver sozinha, ela viajou para a cidade grande, onde as circunstâncias de uma mulher pobre, que não teve acesso à educação a levou a sobreviver trabalhando na prostituição:

A prostituição como instituição legal, é uma mancha vergonhosa em nossa civilização. É a aceitação de um fato, postulado pelo egoísmo dos homens, propiciado pela fragilidade das mulheres, amparado pela hipocrisia generalizada (DUARTE, apud DEL PRIORE, 2011, p.153).

A narrativa reflete a exclusão social de muitas mulheres pobres que não tiveram oportunidades, assim sem conseguir definir o seu futuro buscam a solução para se manterem comercializando seus próprios corpos em meio a uma sociedade preconceituosa, essas são duplamente discriminadas, sexualmente por serem mulheres, e moralmente por serem prostitutas. A cultura da violência sexual e da discriminação tem contexto propício.

Em meio a sua confissão, na busca por entender a realidade, Leontina faz uma indagação em função da situação em que vive “Mas também que outra vida eu podia ter senão está? Mal sei escrever meu nome e qualquer serviço pôr aí já quer que a gente escreva até na máquina.” (TELLES, 2010, p. 80). A consciência de uma sociedade que não lhe cabe dignamente, vem atrelada à ideia de se ver sem outra alternativa de trabalho para sobreviver a não ser a prostituição. Sem oportunidade a única possibilidade de ter alguma dignidade perante a sociedade seria casar-se para exercer as tarefas do lar, o que raramente aconteceria, uma vez que a mulher que se prostitui e não são vista como “mulher para casar”:

... no fundo do coração cheguei a esperar que de repente aparecesse alguém que gostasse de mim de verdade e me levasse embora com ele. Podia até ser alguém que me falasse em casamento. E em toda a minha vida nunca quis outra coisa. Mas Rubi que parecia adivinhar meu pensamento me avisou que tirasse o cavalo da chuva porque nenhum homem quer casar com uma mulher que fica atracada a noite inteira com tudo quanto é cristão que aparece. (TELLES, 2010, p.65)

O fragmento do relato exposto mostra que, entre tantas formas de violência que compõem o panorama cultural de uma sociedade patriarcal, há o discurso que

legítima, banaliza, promove e silencia diante da violência contra a mulher que usa da prática da prostituição, mesmo que seja por precisar de dinheiro para sua sobrevivência. A fala da Rubi, ao lembrar para que Leontina “tirasse o cavalo da chuva”, vem ratificar a aceitação de uma condição de vida de sujeição e negação. Para isso, tem-se o discurso imperioso da religião que, sem deixar de representar uma ironia a hipocrisia social, ganha corpo na frase “tudo quanto é cristão”, mostrando que ainda que buscada e demandada pela sociedade, na figura de seus “homens de bem” e de “família”, a prostituta jamais deixaria de ser vista como uma possível ameaça à sociedade, assim jamais seria respeitada.

Como exemplo da violência para com a mulher prostituta, Leontina discorre sobre o fato de que, numa tarde saiu para comprar um sapato pois o seu estava esbagaçado, e acabou não comprando porque o dinheiro não deu, não tinha o que fazer e foi olhar as vitrines de lojas, quando se deparou com um lindo e caro vestido marrom, enquanto admirava o vestido na vitrine soou uma voz em seu ouvido perguntando bem baixinho se ela não queria aquele vestido, ela não respondeu de imediato. Em seguida viu pelo reflexo do vidro um velho que repete a pergunta e enfim ela responde que se caso ele quisesse a presentear, aceitaria.

O vestido me assentou feito uma luva e a vendedora então me aconselhou que fosse com ele no corpo porque estava uma beleza. Fiquei zonzona. É que nunca tinha visto um vestido assim caro e quando me olhava no espelho e passava a mão na rosa de vidrilho minha vontade era sair rodopiando de alegria. O caso é que agora tinha que aturar o velho. Mas já tinha aturado tantos sem vestido nem nada que um a mais ou um a menos não ia fazer diferença. Na rua é que me lembrei que tinha deixado lá dentro da loja o meu vestido branco. Vou buscar meu vestido que esqueci eu disse mas o velho agarrou no meu braço e rindo um risinho meio esquisito falou que eu era muito engraçadinha por querer fugir fácil assim. Eu não estava querendo fugir coisa nenhuma e me aborreci muito quando escutei isso. (TELLES, 2010, p. 98)

Após aceitar o presente do velho estava ciente que iriam fazer o “pagamento” como uma troca de agrados sexuais, fora agredida. A violência se deu pelo fato de ser acusada de não satisfazer os desejos sexuais do homem. Situação que saiu do controle, passando Leontina a sofrer violência física. Buscando agir em legítima defesa, ao achar um ferro no chão do carro, que apunhalou e matou o velho que tentou agredi-la até a morte. Ato que resultou em sua prisão:

O bofetão veio nessa hora e foi tão forte que quase me fez cair do banco. Meu ouvido zumbiu e a cara ardeu que nem fogo. Eu chorava pedindo a

ajuda da minha mãe como sempre fiz nas aperturas. O outro bofetão me fez bater com a cabeça na porta e a cabeça rachou feito um coco. (...) Foi então que num relâmpago o punho do velho desceu fechado na minha cara. Foi como uma bomba. Meu miolo estalou de dor e não vi mais nada. De repente me deu uma estremecida porque uma coisa me disse que o velho ia acabar me matando.” (TELLES, 2010, p. 100)

Leontina queria acreditar que o ocorrido naquela tarde não se passava de um sonho, também queria acredita não ter matado o velho, então saiu para a rua e se deparou com a mesma loja, e decide entrar para pedir o seu vestido que havia esquecido quando trocou pelo vestido novo que ganhou. A vendedora estava conversando com um homem a reconhece e Leontina é levada presa.

As confissões de Leontina transcorrem sobre situações também recorrentes na realidade social atual. A mulher prostituta, na visão de uma sociedade machista, deve ser passividade, submissa, sujeita a tudo inclusive a aceitar as agressões.

Ao fazer intervir o dinheiro, certo erotismo masculino associa a busca do gozo ao exercício brutal do poder sobre os corpos reduzidos ao estado de objetos e ao sacrilégio que consiste em transgredir a lei segundo a qual o corpo (como o sangue) não pode ser senão doado, em um ato de oferta inteiramente gratuito, que supõe a suspensão da violência. (BORDIEU, 2012, p.26)

Através da trama de Leontina, a autoria acaba por demonstrar a hipocrisia da sociedade ao estigmatizar as profissionais do sexo e ao mesmo tempo requerer os seus serviços. O estigma vem sempre carregado, inúmeras vezes, de violência, não importa saber por que motivos a mulher sem trabalho ou com seus salários baixos tenha buscado a prostituição.

A escolaridade negada, o não acesso a uma profissão digna de reconhecimento, as relações afetivas abusivas, o não espaço de fala, dentre outros fatores, tem sido pauta de luta nas questões de gênero, contribuindo na atualidade para maior ascensão e independência da mulher, que busca, dentro da lógica da dominação masculina, seu reconhecimento e direitos.

Diante do exposto, a confissão de Leontina pode ser vista como um revisitar de uma prática que é recorrente na realidade empírica. A literatura, nesse caso,

possibilita ao leitor refletir a respeito de que, “naturalizando” comportamentos, a sociedade legitima essa concepção por meio das repetições, contribuindo assim para a manutenção da opressão masculina sobre a mulher. A história é repetida, via confissão, e nesse movimento vem mostrar sobre o comportamento humano.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi observado nesse estudo, é perceptível que a temática abordada no conto “A confissão de Leontina” repõe traços da realidade da sociedade em que as questões sobre as relações de gênero, enraizadas na cultura social, ainda são recorrentes no mundo atual, como enxergar a mulher sempre em situação de submissão à figura masculina,

Os traços do conservadorismo, quanto à ideia de família, educação, sexualidade, e da vulnerabilidade da mulher nos mostram que essa memória patriarcal ainda é preservada e continua aprisionando a figura da mulher. Apesar de toda transformação social ao longo da história até a atualidade, a superioridade sobre as mulheres é mantida, de modo que a estrutura das relações de poder impostas pelo patriarcado ainda permanecem, e isso é nítido e refletido nas confissões encontradas no conto “A confissão de Leontina” que ressoam na contemporaneidade.

Contudo, a confissão de Leontina pode ser vista como um denunciar da sujeição em que eram mantidas as mulheres, manifesto em todas as esferas da vida: familiar, social, jurídica, política, econômica, educacional etc., possibilitando assim um questionar das ideologias que legitimam a superioridade dos homens sobre as mulheres.

De uma forma, ainda que às avessas, podemos identificar a “confissão”, como um “falar”, apesar da pouca ressonância no contexto narrativo da ficção, afinal o confessado não deixa de ser uma exposição. Já no contexto da realidade extra ficcional, ou seja, no contexto do leitor, a confissão neste caso tende a alcançar maior efeito, até mesmo podendo colocar a protagonista em uma condição de certo “empoderamento”, no sentido de poder falar. Afinal, é por meio de sua confissão que o leitor toma conhecimento de uma realidade singular, vivida pela protagonista, mas que é experienciada por muitas outras mulheres no contexto de suas relações familiares, afetivas e profissionais.

Assim, compreende-se que a literatura não retrata literalmente o mundo real em fatos, visto que é uma criação do imaginário, mas representa a realidade e transmite a cultura histórica, podendo ser um canal de comunicação, cujos efeitos sejam a transformação de percepções, uma vez que possibilita-nos refletir sobre diferentes perspectivas sobre o comportamento humano no mundo real.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Flavia Leme de. **Mulheres Recipientes**: recortes poéticos do universo feminino nas artes visuais. São Paulo: cultura acadêmica, 2010.

AVILA, Milena Abreu. “**Colonialidade e descolonialidade: você conhece esses conceitos?**”; Colonialidade: o precedente da Colonialidade, 2021.

<https://www.politize.com.br/colonialidade-e-decolonialidade/> Acesso em: 04 abril 2021.

BANDEIRA, Lourdes Maria. **Violência, gênero e poder: múltiplas faces**. In:

BARSTED, Leila Linhares. “**Os avanços no reconhecimento dos direitos humanos das mulheres**”. In: Autonomia econômica e empoderamento da mulher: textos acadêmicos. – Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011. P. 304.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. **Feminismo e política: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2014.

BORDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro, 9ª edição revista pelo autor, 2006.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

CORTÁZAR, Júlio. Alguns aspectos do conto. **Valise de Cronópio**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

COSTA, C. (2018, 15 de abril). **As escritoras que tiveram de usar pseudônimos masculinos – e agora serão lidas com seus nomes verdadeiros**. BBC Brasil em São Paulo. Recuperado de <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43592400> Acesso em: 25 abril 2021.

DEL PRIORI, Mary . **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

EDUCAÇÃO, Secretaria. “**As mulheres na educação**”. In: Sociologia (gov). A história da educação da mulher no Brasil. Curitiba, 2018. Disponível em: <http://www.sociologia.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=422> Acesso em 10 abril 2021.

FACINA, Adriana. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2001.

GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do Conto**. 8. ed. São Paulo: Ática, 1998.

HAHNER, June E. **A Mulher Brasileira e Suas Lutas Sociais e Políticas: 1850:1973**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MILLET, K. (1969). **Sexual politics**. London. 1969.

PIÑON, Nélida. [Entrevista]. [ago. 2008]. **Entrevistadora: Michele Asmar Fanini**. Rio de Janeiro, 2008.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009.

REICHMANN, Rebecca Tavares. “**O Progresso das Mulheres no Brasil**” Igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres 2003–2010 / Organização: Leila Linhares Barsted, Jacqueline Pitanguy – Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília: ONU Mulheres, 2011.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Refutações ao feminismo: (des)compassos da cultura letrada brasileira**. Revista Estudos Feministas v. 14, n. 3. Florianópolis, setembro-dezembro de 2006, p. 765-799.

STEVENS, Cristina (Org.). **Mulheres e Violências: Interseccionalidades**. Brasília, DF: Technopolitik, 2017. p. 14-35.

TELLES, Lygia Fagundes. A Confissão de Leontina. In: **A Estrutura da Bolha de Sabão**. São Paulo. Companhia das Letras, 2010.

TELLES, Lygia Fagundes. **A disciplina do amor**. In: Cadernos de Literatura Brasileira: Lygia Fagundes Telles. São Paulo. Instituto Moreira Salles, 1998,p. 39.

TELLES, Lygia Fagundes. **A mulher escritora e o feminismo no Brasil**. In: SHARPE, Peggy (org.). Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina. Florianópolis: Editora Mulheres; Goiânia: Editora da EFG, 1997.

TELLES, Lygia Fagundes. **Antes do baile verde**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. A estrutura da bolha de sabão. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

VASCONCELOS, Sandra. **As escritoras que tiveram de usar pseudônimos masculinos – e agora serão lidas com seus nomes verdadeiros**. BBC Brasil em São Paulo. Recuperado de <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43592400>
Acesso em: 07/05/2021.